

Crise trava avanço da classe média

Classe C, da FGV, que inclui até quem ganha só R\$ 1.115, recuou ano passado

A crise freou o avanço da mobilidade social no Brasil em 2009. Houve uma queda mais acentuada no primeiro trimestre do ano passado e, em dezembro, uma recuperação, que levou a situação ao mesmo nível do fim de 2008. As conclusões são de pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O levantamento considera como classe C, domicílios com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807, o abrangeria 53,81% dos brasileiros antes da crise, há dois anos. Esse segmento fechou 2009 com 53,58% da população.

Essa faixa de renda crescia

desde 2004, quando representava 42,99% dos brasileiros. De acordo com a pesquisa, nos últimos seis anos, a classe C incorporou 32 milhões de pessoas, aumento de 26% nessa faixa.

O avanço, em termos percentuais, é menor do que o crescimento das classes A e B (considerado pelo levantamento como os que têm renda acima de R\$ 4.807), de cerca de 50% entre 2003 e 2009.

“Nem tsunami, nem marolinha. Ressaca pesada, disse o economista Marcelo Neri, responsável pela pesquisa, sobre os efeitos no Brasil da crise que estourou em setembro de 2008.

“Todo mundo perdeu um pouco do que ganhou. A melhor descrição para 2009 é um revolução de 360° (graus), com as classes voltando ao mesmo lugar”, afirmou.

O dado positivo é que parou o avanço, mas não houve retrocesso. Entre as faixas de renda mais baixas, a classe D, com vencimentos entre R\$ 804 e R\$ 1.115, passou de 13,18%, em dezembro de 2008, para 13,37%, no mesmo mês de 2009. A classe E, com renda de até R\$ 804 por mês, recuou de 17,68% para 17,42%.

Neri prevê a retomada do avanço da classe média, num cenário em que o país teria crescimento médio de 5% ao ano, equivalente à taxa do período entre 2003 e 2008, segundo dados do IBGE que serviram de base para a FGV.